

ÁFRICA DO SUL VIOLA N'KOMATI

Por Augusto de Carvalho

“Queremos recordar aos nossos amigos a promessa que nos fizeram de nos apoiar clandestinamente”. Trata-se de uma mensagem de Afonso Diakama, Presidente da Renamo, datada de 16 de Julho de 1984. Os amigos são os sul-africanos, sobretudo os militares, mas não uns militares quaisquer: desde o ministro da Defesa, general Magnus Malan, ao chefe general das Forças Armadas, aos homens da inteligência militar, todos eles aparecem profundamente envolvidos nas acções da Renamo no interior do território de Moçambique. Antes e depois do acordo de Nkomati.

Estes dados vieram a público em Conferência de Imprensa dada na segunda-feira, dia 30, pelo ministro da Segurança de Moçambique, dr. Sérgio Vieira. Uma conferência de imprensa que tem uma história: No dia 28 de Agosto, as Forças Armadas de Moçambique, juntamente com as suas congéneres do Zimbabwe, lançaram uma ofensiva na Gorongosa, castelo forte da Renamo. Ruio o seu quartel general, que dava pelo nome da “Casa Banana”, depois de violentos combates. A “casa banana”, hospedava também o chefe da Renamo. Na fuga precipitada, os rebeldes não conseguiram destruir toda a documentação, embora, segundo nos dizem, lhe houvessem pegado fogo. Os homens da Frelimo e do Zimbabwe conseguiram salvar dezenas de quilos de documentos. Documentos significativos, cuja autenticidade nos parece difícil de pôr em causa. Aliás, personalidades públicas sul-africanas neles visados, tais como o antigo vice-ministro dos estrangeiros, Louis Nel e o seu superior hierárquico, Roelof Pik Botha, já confirmaram factos relatados nos documentos que lhes dizem respeito. Os documentos apresentados por Sérgio Vieira à consideração dos jornalistas, extracto de três livros que foram redigidos

pelos secretários de Afonso Diakama foram extraídos do “Desk Diary — 1984”, do “Caderno n.º 2” e do “Caderno n.º 3”. Referem-se ao período que vai de fins de Dezembro de 1983 até inícios de Julho de 1985. Neles aparecem apontamentos sobre reuniões e anotações em que esteve envolvido o autor, as relações com a África do Sul e a descrição da actividade de determinadas personalidades sul-africanas, enquanto apoiantes activas da Renamo.

DUAS DATAS

Para se enquadrarem devidamente, é necessário recuar um pouco na história. Em 16 de Março de 1983, depois de um complexo e moroso trabalho diplomático, a África do Sul e Moçambique assinam, com pompa invulgar, o acordo de Nkomati. Samora Machel disse-nos, então, que toda a solenidade era pouca para por em evidência perante o mundo a sinceridade dos dois países ao assinarem este acordo de não agressão e boa vizinhança. Moçambique e África do Sul juraram, nas margens do Incomati, perante a comunidade internacional ali representada pelos embaixadores acreditados nos dois

África Hoje (5) Out. 1985

países, que iam cumprir os onze artigos do clausulado do acordo. Saliente-se, entre eles, o n.º 1. do artigo 3: "as altas partes contratantes não permitirão que os respectivos territórios, águas territoriais ou espaço aéreo, sejam utilizados como base, ponto de passagem ou de qualquer outra forma por outro estado, governo, forças militares estrangeiras, organizações ou indivíduos que planeiem ou se preparem para levar a cabo actos de violência, terrorismo ou agressão contra a integridade territorial ou independência política da outra, ou que possam ameaçar a segurança dos seus habitantes".

A África do Sul estava a pensar no ANC e Moçambique na Renamo e ambos sabiam claramente no que pensava a outra parte. Há, no entanto, uma outra data que importa aqui recordar:

Dezembro de 1983 quando Moçambique e a África do Sul fizeram um acordo de cavalheiros, repetidas vezes afirmado, segundo o qual a partir do encontro de Mbabane (Dezembro de 1983) não seria permitido a nenhuma das partes infiltrar homens ou equipamentos no outro país, até à assinatura do acordo.

Que aconteceu, porém, dizem-no os documentos encontrados na "Casa Banana".

A INTENÇÃO DE NÃO CUMPRIR

Em termos pobres revelam claramente que, quando a África do Sul assinou o acordo de Nkomati já o estava a trair: que nunca teve intenção de o cumprir.

Que foi a Nkomati fazer uma mascarada. A menos que tenhamos de concluir que, ou os documentos não são autênticos, o que me parece estar fora de causa, ou o governo não passa de um brinquedo nas mãos dos militares.

Vejamos algumas passagens e atentemos nas respectivas datas.

Em 11 de Janeiro de 1984, por conseguinte já depois do acordo de cavalheiros em que intervieram pela parte sul-africana, entre outros, o ministro da Defesa, general Magnus Malan, o comandante geral da Polícia, general Cotzee e o então primeiro-ministro, P. W. Botha, pode ler-se no "Desk Diary" que a "RSA confirma o apoio à Renamo até à liquidação do Machel".

A 16 de Janeiro do mesmo ano, o Presidente da Renamo recebe o coronel dos serviços de inteligência militar das Forças Armadas sul-africanas. Nesse encontro ficou combinado, como anota o "diário", em linguagem pouco escorreita, que "devido ao compromisso que os sul-africanos virão a ter com o Machel em virtude das conversações que estão tendo, nos primeiros meses vai o reabastecimento



para os primeiros 6 meses de oitenta e quatro: 500 pallets no total de 25 reabastecimentos, além do reabastecimento que vai em Janeiro de 84".

No mesmo "diário" e no mesmo dia se anota que **"a equipa de sul-africanos vão no fim de Janeiro para a Zambézia, a fim de treinar os soldados. São 100 instrutores e 200 soldados de guerra convencional."**

No dia 21 de Janeiro regista o "diário": "O coronel Vanikav (cremos que se trata do coronel Vanikerke, dos serviços de inteligência militar cujo nome está mal escrito) avançou para Malawi a fim de falar com o presidente Banda acerca dos russos e trazê-los para a RSA a pedido do primeiro-ministro Botha. Esta decisão entra em desacordo com a Renamo porque não deram prévio conhecimento".

No dia 28 de Janeiro menciona-se a equipa sul-africana que vai para a Zambézia, para no dia 2 de Fevereiro se anotar que **"os nossos combatentes não podem falar com a população acerca dos nossos amigos (sul-africanos), para que o inimigo não venha a saber, caso os nossos amigos sejam vistos por a população, incutir aos combatentes para que informe a população de que eles são os russos capturados..."**

"Os nossos amigos devem falar sempre inglês e não afrikander, para evitar que os soldados venham a descobrir em virtude de termos muitos combatentes amigos trabalhadores da RSA".

De acordo com o relato do "Diário", em 7 de Fevereiro, Afonso Dlakhamu segue com o secretário geral para Pretória **"a fim de travar conversações com os generais sul-africanos a pedido destes"**. E acrescenta: "A reunião tida com o general estabeleceu o fornecimento de armas: massivo em 8

semanas, porque a RSA vai deixar de dar a logística..." "Mas essa força só está com os militares sul-africanos — lê-se no "Diário" — porquanto o Pick Botha, ministro dos Negócios Estrangeiros é que está a pressionar os políticos sul-africanos de abandonarem a Renamo. Este está a servir como se fosse o bufo da União Soviética".

Em 8 de Fevereiro o "Diário" anota que se prevê o reabastecimento de barco.

Em 13 de Fevereiro, o "Diário" escreve que houve reabastecimento para o Maputo e que correu tudo bem, e logo a seguir acrescenta: **"o coronel Charles garante à Renamo de que por mais que se assine um acordo com o Machel sempre continuarão a meter os aviões uma vez a outra"**.

E vem uma longa lista de material para a Zambézia procedente da África do Sul: 900 armas, 500 caixas de munições AK 47; 20 caixas M. G3; 100 caixas de explosivos, 50 caixas de minas; 5 caixas de medicamentos; 150 caixas de roquetes Rp 67.

Em 14 de Fevereiro escreve o autor do "Diário" que seguiu juntamente com o coronel Vanikar para Louis Trichardt, "a fim de reconhecer o novo campo onde vamos viver".

Em 23 de Fevereiro pelas dez horas relata o "Diário" que **"houve um encontro em Pretória do Presidente da Renamo com o general da Inteligência Militar; general das forças especiais, brigadeiro da inteligência militar"**.

Objectivo: planeamento da guerra perante a situação assumida pela República Sul-africana" E escreve a seguir, pondo na boca dos militares sul-africanos: **"Nós os militares continuaremos a dar o apoio sem**

o consentimento dos nossos políticos, em número massivo para poderem ganhar a guerra". Acrescenta, porém, como reflexo das opiniões sul-africanas: "O Machel só pode cair através do corte da economia e das vias de comunicação". É assim que em 24 de Fevereiro o "Diário" anota: "Os 100 homens deverão entrar em Maputo em grupos pequenos pelos Libombos, com objectivos e alvos definidos para cada grupo."

O Joan (um tenente sul-africano) e o Eurico só irão com autorização do ministro da Defesa, o general Magnus Malan".

Acrescenta ainda no mesmo dia: "os dois homens da RNM (Renamo) serão

"O clima político aqui, internacionalmente ainda está mal para a continuação do reabastecimento à Renamo. Qualquer violação do acordo de Nkomati do nosso lado vai prejudicar as tentativas sul-africanas para a paz na África Austral. A situação pode-se mudar a qualquer momento, porque o governo machelista tem problemas graves, como já está parecer com a conversa do Honwana com o Evo.

A Renamo tem que continuar a apertar o Machel, mas numa maneira de gastar o mínimo de material de guerra. Evitar combates com as Forças Armadas de Moçambique, devendo dar mais atenção à destruição da economia, infra-estruturas e

de Pretória. No dia 12 tivemos a primeira lição da política onde o secretário geral Evo Fernandes nos desenhou em termos gerais a situação política interna e externa de Moçambique e, consequentemente, o carácter das negociações previstas entre a Renamo e a Frelimo. Tivemos o primeiro encontro com o general Van Der Huizen a quem apresentamos as saudações de Sua Excelência"...

"Em seguida o general anunciou-nos que os ministros dos Negócios Estrangeiros e da Defesa sul-africano, Pick Botha e Magnus Malan, querem falar com a delegação da Renamo".

APOIO À GUERRILHA URBANA

O encontro realiza-se no dia seguinte, estando presentes Pik Botha, Magnus Malan, o general da Inteligência Militar Van Der Huizen e o coronel Vanikerke, além do secretário pessoal do 1.º ministro Botha. Mais adiante, mas ainda em Agosto, pode ler-se: "Tivemos um encontro com o brigadeiro Van Tonder e o coronel Vankerque" (estas grafias mudam com frequência), "encontro a nosso pedido onde expusemos o nosso pedido de material de guerra, de acordo com orientações de S. Exa., onde nos responderam o seguinte:

Quanto ao material de guerra, munições AK-47, nós temos para vocês e afirmaram que vão mandar, mas que neste momento há dificuldades de transporte porque já não podemos utilizar os aviões C.130, porque esses aviões são controlados pela força aérea, nem podemos utilizar a marinha por que pode haver fuga de informações além de envolver muitas pessoas. E em caso de assim procedermos quando formos apanhados implicará uma severa prisão para o General Van der West Huizen, brigadeiro Van Tonder e coronel Vanikerke, porque isto constitui uma violação severa do acordo de Nkomati, o que é imprescindível neste momento para o nosso governo sul-africano.

O brigadeiro continuando disse que para ultrapassar esta dificuldade nós vamos utilizar os aviões civis que irão aterrar. Por isso o coronel Vanikerke vai para a Gorongosa no dia 22/8/84 para se encontrar com o presidente da Renamo para fim de organizar as pistas de aterragem, para facultar a utilização de aviões civis que podem aterrar e não lançar em paraquedas para não subaproveitar a capacidade dos aviões.

Quanto ao material para guerrilha urbana, prossegue o brigadeiro sul-africano transcrito no "Diário", vamos mandar, mas não todo o tipo de material pedido, porque há algumas bombas que foram montadas na RSA e isto compromete-nos perante o acordo de Nkomati. Para tal



treinados nas comunicações ultra-secretas para entre a RNM e Pretória". E sublinha:

O general garante o reabastecimento mesmo depois do Acordo da RSA com o Machel comunista em especial munições e rádios de transmissões".

Vêm a seguir os alvos selectivos: "linhas férreas; Cahora Bassa, cooperantes e outros alvos de carácter económico SADCC".

Combina-se o contacto via rádio com a África do Sul e mencionam-se treinos de militares na Namíbia.

MENSAGEM DO CORONEL DOS SERVIÇOS SECRETOS

Não deixa de ser sintomática a mensagem do coronel Vanikerke para o Presidente da Renamo, mensagem essa que o "Diário" regista em Junho, por conseguinte, muito depois dos acordos de Nkomati:

controle sobre a população.

Renamo tem que sobreviver mais tempo até o Machel chegar num acordo com a Renamo, mas nunca indicar à Frelimo que já não temos material.

Estou a fazer um estudo com os meus chefes, diz o coronel da inteligência militar, citado no "Diário" — e vou chamar o Evo para cá para lhe explicar o nosso plano. Depois informaremos V. Exa. (Afonso Dlakham) de como foi resolvido o problema contido na mensagem que Sua Excelência mandou para nós".

Em Agosto de 84 descreve-se um encontro havido em Pretória. Os homens da Renamo desembarcaram pelas 20 horas do dia 11, em Durban Natal, apanham uma avioneta até Pretória, juntamente com o comodoro-chefe das operações secretas da Marinha.

"Chegamos a Pretória às 23 e 15 do mesmo dia, onde fomos recebidos pelo brigadeiro Van Tonder da Inteligência Militar, Chefe das operações secretas da RSA, nas instalações militares no centro

vamos mandar bombas relógio e maquinismo temporário para trabalharem com explosivos.

No final o brigadeiro anunciou-nos a chegada da delegação da Frelimo à RSA, para resolver os problemas da segurança". Relata-se, depois, um encontro com Pik Botha que se fazia acompanhar do ministro Magnus Malan, general Van der West Huisen, brigadeiro Van Tonder e o coronel Vanikerke além dos secretários pessoais dos ministros.

"AJUDA HUMANITÁRIA" EM AVIÕES "C-130"

Menciona-se, em Setembro, um encontro com o chefe do Estado Maior General das Forças Armadas sul-africanas, o general Visloen, estando presentes o general Van der West Huisen, o brigadeiro Van Tonder e o coronel Vanikerke.

Foi abordado neste encontro a ajuda humanitária à Renamo.

"O general Visloen concordou em mandar-nos a **ajuda humanitária** nos aviões C-130 das F.A.

Disse que faria os possíveis de haver uma hora pelo menos na SABC, informações sobre as actividades da Renamo e outros assuntos relacionados.

Recomendou não perdermos as forças militares e controle, em virtude destas negociações.

Disse que o cesar-fogo não deverá ser efectivo, concordou com o plano de dois, três meses o máximo.

Recomendou não aceitarmos a amnistia. O general recomendou-nos não cairmos na fita do Pik Botha porque este é traíçoeiro até porque concordou com a ideia de Phester Crocker em a Frelimo oferecer amnistia aos elementos da Renamo".

O general Visloen continuando a falar, disse: "eu concordo numa estratégia conjunta para pormos o Machel fora porque queremos afastar os russos na nossa zona de África Austral, temos de empregar a estratégia comum para podermos vencer o comunismo, de maneira a não fazer entender o mundo exterior "EUA". Porque o mundo está convencido que o Machel mude, porque não lhes parece ser este inteiramente comunista. Nós queremos que a Renamo ganhe a guerra para afastar os comunistas da área..."

"Por último o general Visloen garantiu-nos que ele está connosco até à vitória final, aviões C-130 para Moçambique, ajuda humanitária, estratégia comum para vencer o comunismo na África Austral". Ao avizinham-se as negociações entre a Frelimo e os sul-africanos, que seriam rompidas a 3 de Outubro, negociações essa para se decidir do destino da Renamo, pelo menos assim o entendia a parte moçambicana, os militares sul-africanos

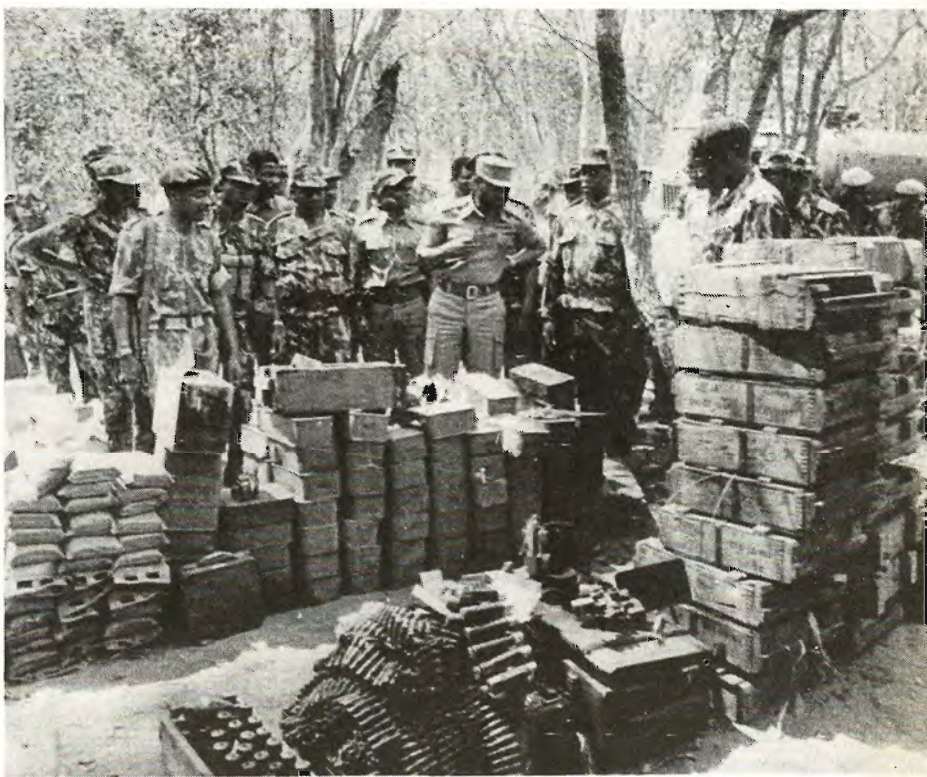
inquietam-se, como se pode ver no "Diário" no dia 17: **"na sala das negociações montar-se-ão microfones para a escuta das conversas entre o Pick Botha e a delegação moçambicana, o que será muito vantajoso para nós: saberemos assim o plano do Pik Botha e da Frelimo, isto nos foi garantido com o Vaniker coronel dos SS na RSA".**

O PLANO DE GUERRA

O "Diário" anota ainda o plano geral de guerra concordado com os sul-africanos: "1 — Destruir a economia de Moçambique

O coronel Vanikerke dos serviços secretos sul-africanos aproveita para dar conselhos ao Presidente da Renamo sobre a forma como se deve comportar com o vice-ministro: "O Sr. Presidente antes de falar com o Louis Nel deve falar com o Evo primeiro para dar o ponto da situação política actual no exterior e pelo menos um jornalista para que se faça uma reportagem. Vanikerke diz que traz uma mensagem do nosso chefe das Forças Armadas, general Visloen"...

"Asseguro ao sr. Presidente que a Renamo ainda continua a ter amigos nos militares sul-africanos". E mais adiante: "também prometo ao sr. Presidente da Renamo que quanto ao envolvimento das tropas sul-



nas zonas rurais.

2 — Destruir as vias de comunicação para impedir a exportação e importação para o exterior e interior e escoamento de produtos internos.

3 — Impedir as actividades dos estrangeiros (cooperantes) porque estes são os mais perigosos na recuperação da economia".

VICE-MINISTRO NA GORONGOSA

No caderno n.º 2 menciona-se a ida de Louis Nel, então vice-ministro dos Negócios Estrangeiros à Gorongosa, mas "a sua vinda cá não será do conhecimento do seu chefe Pik Botha"

-africanos no conflito interno de Moçambique, eu diria que mal nós recebermos as ordens do meu governo para que as minhas tropas vão lutar em Moçambique contra a Renamo, os generais todos meus colegas, inclusive eu próprio, nos demitiremos das Forças Armadas. Nós os militares sul-africanos garantimos o movimento dos homens da Renamo na RSA ou passar por esta em caso de uma necessidade".

MORTE DOS DOIS SOVIÉTICOS

Vanikerke pede a Afonso Dlakham em nome do general Visloen que o informe

sobre o paradeiro dos dois soviéticos em poder da Renamo.

Eis a proposta do Presidente da Renamo: **"Pode informar ao general Visloen em particular para apenas o conhecimento dele e mais ninguém: os dois russos estão mortos, já não existem. Podemos dizer que não pensem mais nos russos porque já não existem, foram para o caminho do abismo, triunfo do marxismo-leninismo".**

Fala-se depois na ida de Louis Nel à Gorongosa e pede-se para que no seu avião sejam transportados alguns produtos e objectos.

Na segunda visita à Gorongosa "à nossa capital", como se lê no caderno, em 2 de Julho de 1985, o vice-ministro dos Estrangeiros era acompanhado pelo brigadeiro Van Tonder, pelo coronel Vanikerke, pelo coronel Grelling e dois médicos.

O caderno resume o diálogo entre o Presidente da Renamo e Nel.

Nel diz que pensa que até Janeiro do próximo ano a guerra já estará acabada. O presidente da Renamo concorda:

"concordo com o ministro quando diz que até Janeiro do próximo ano a guerra estará acabada, ou perde a Frelimo ou a Renamo". ■

O caderno n.º 2 encontrado na Gorongosa refere uma mensagem do comandante Charles (coronel Vanikerke dos Serviços Secretos Militares da África do Sul) para o presidente da Renamo.

Eis o seu teor:

I. Comunico ao Presidente da Renamo que o Pik Botha mandou-nos comunicar com o Presidente da Renamo que o Bulhosa capitalista português do Brasil está em Pretória e quer falar com o Presidente da Renamo.

II. O Pik Botha pede que o Presidente da Renamo vai partir para a RSA para falar com o Bulhosa capitalista do Brasil.

III. Ele pede o presidente deixar o Bulhosa capitalista visitar o Presidente da Renamo em Gorongosa; mas vai ser muito difícil porque o Bulhosa já tem 86 anos de idade.

IV. Parece que o secretário geral Evo Fernandes não sabe disto. Faz parte do plano do Pik Botha para eliminar o secretário geral das negociações.

V. Estou a esperar aqui com transmissores para resposta já do Presidente da Renamo.

VI. Recebam os meus verdadeiros abraços e altos cumprimentos para V. Exa. e sua família.

Aos 12.1.85.

A luta continua.